

# Construction politique et sociale des Territoires

Cahier n°4 - octobre 2015

## *La Mouraria à Lisbonne : les usages du patrimoine et de la mémoire dans les quartiers populaires centraux*

**A tematização sonora do lugar. Intervenções no espaço sonoro e requalificação urbana no bairro da Mouraria (Lisboa)**

**Iñigo SÁNCHEZ**



## A tematização sonora do lugar. Intervenções no espaço sonoro e requalificação urbana no bairro da Mouraria (Lisboa)<sup>1</sup>

Iñigo SÁNCHEZ

INET-MD/FCSH-UNL

**Resumo :** *A que soa um bairro em transformação? Qual é o impacto das mudanças no tecido urbano e social de um bairro no seu ambiente sonoro? Em que medida as intervenções no ambiente sonoro podem constituir um catalisador de mudanças mais amplas nas dinâmicas urbanas de um local? Este artigo tentará oferecer algumas respostas a estas e outras perguntas a partir de uma investigação em curso sobre o bairro da Mouraria e o processo de transformação urbana que o bairro está a experimentar nos últimos anos. Usando alguns exemplos do meu trabalho de terreno no bairro (o revival do fado como senha de identidade do bairro, a transformação da Praça de Martim Moniz num “mercado multicultural” ou a revitalização da zona de Intendente como destino de lazer), este artigo discute como as mudanças que podemos observar ao nível do ambiente sonoro podem ser considerados ao mesmo tempo causa e efeito do processo de requalificação urbana ao que está submetido o bairro. Neste sentido, a transformação do ambiente sonoro pode ser analisada como um meio para regular e estruturar a experiência de alguns espaços públicos urbanos do bairro, contribuindo ao mesmo tempo à produção de uma nova sensibilidade sonora e/o aural.*

**Palavras chave:** Mouraria; transformações urbanas; ambiente sonoro.

**Résumé :** *Quel est le son d'un quartier en transformation ? Quel est l'impact des changements du tissu urbain et social d'un quartier dans son environnement sonore ? Dans quelle mesure les interventions dans l'environnement sonore peuvent constituer un catalyseur de changements plus vastes dans les dynamiques urbaines d'un lieu ? Cet article tentera d'apporter certaines réponses à ces questions et à d'autres, à partir d'une recherche en cours sur le quartier de la Mouraria (Lisbonne) et les transformations urbaines qui s'y déroulent ces dernières années. Utilisant certains exemples de notre travail de terrain dans le quartier (le revival du fado comme carte d'identité du quartier, la transformation de la Place Martim Moniz en un « marché multiculturel » ou la revitalisation de la zone de l'Intendente vouée au loisir), nous discutons la manière dont les changements observables dans l'environnement sonore peuvent être considérés simultanément comme cause et effet du processus de requalification urbaine auquel est soumis le quartier. En ce sens, la transformation de l'environnement sonore peut être analysée comme un médium pour réguler et structurer l'expérience de certains espaces publics urbains du quartier, contribuant en même temps à la production d'une nouvelle sensibilité sonore et/ou orale.*

**Mots clés :** Mouraria, transformations urbaines, environnement sonore.

<sup>1</sup> Este artigo é um dos primeiros resultados de um projecto de investigação em curso sobre o impacto da requalificação urbana da Mouraria sob o entorno sonoro do bairro. Este projecto está associado a uma bolsa de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) com referência (SFRH/BDP/70411/2010). Agradeço a Jacques Galhardo o convite para participar no encontro *Os usos do património e das memórias nos bairros “populares” centrais*, organizado pelo

CITERES e o CICS-NOVA na Universidade Nova de Lisboa no mês de Julho de 2014, e ao restante dos participantes pelo *feedback* recebido sobre a minha apresentação. Gostaria também de mostrar o meu agradecimento aos avaliadores anónimos deste artigo pelos seus comentários sobre o manuscrito. Finalmente agradeço a Leonor Losa por sua generosidade para rever o meu Português.

**A** Mouraria é um bairro densamente povoado, de ruas estreitas e ar decadente, que arrasta consigo uma longa história de marginalização. Apesar da sua localização no centro da cidade de Lisboa, perto da baixa lisboeta e só a alguns passos duma das principais atrações turísticas da cidade - o Castelo de São Jorge-, a Mouraria te sido concebida desde as suas origens como um território nas “margens” da cidade: primeiro, como um espaço segregado para os Mouros que, no século XII, foram expulsos da cidade; depois, como um bairro pobre e desprestigiado; mais tarde como um lugar perigoso e insalubre ; e, finalmente, como um bairro multi-étnico alvo da requalificação urbana (Menezes, 2004, 23-70). A zona é hoje habitada por uma população heterogénea que abrange residentes de longa temporada, migrantes, e uma recente vaga de novos moradores que, o geógrafo Jorge Malheiros, tem caracterizado como “marginal gentrifiers” (Malheiros, Carvalho e Mendes, 2012). Associado a imagens de exotismo e multiculturalismo, o bairro da Mouraria retém atualmente a atmosfera duma “vila urbana”, repositório de história, tradições populares e memórias associadas a uma cultura popular vernácula lisboeta. Simultaneamente, o bairro possui a aura dum lugar sórdido, perigoso e decadente, desprovido do charme de outros bairros históricos da cidade. Estas múltiplas imagens coexistem no imaginário público do bairro na cidade, e projetam-se tanto para dentro quanto para fora (Menezes, 2004).

Após décadas de esquecimento e de tentativas de enfrentar as pobres condições físicas e sociais do bairro, a Mouraria voltou a ser alvo de atenção no ano de 2009, quando o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, António Costa, anunciou um plano de 12 milhões de euros para revitalizar a zona. Assim, entre 2011 e 2013 a Mouraria foi alvo de um ambicioso programa de requalificação urbana denominado “Plano de Acção QREN-Mouraria”, o qual, além de outras coisas, redefiniu as fronteiras e os limites do bairro. Seguindo a lógica de outros projetos contemporâneos de renovação urbana, os objetivos principais deste plano eram, nas palavras do próprio Costa, “abrir o bairro à cidade” e “criar as condições para atrair

investimento, novos moradores, visitantes e turistas”<sup>1</sup>. Assim, aquela Mouraria *mal-afamada* transformou-se num espaço de “inovação social” segundo o responsável do Gabinete de Apoio ao Bairro de Intervenção Prioritária (GABIP) da Mouraria e, assim, o bairro passou a estar na moda<sup>2</sup>.

Três anos após a chegada dos primeiros guindastes e escavadoras ao bairro, as mudanças no espaço edificado de algumas zonas do bairro –edifícios, ruas e outros espaços públicos– são visíveis: um novo percurso turístico atravessa o bairro desde o Largo do Caldas até o Largo do Intendente, novas infra-estruturas foram criadas e algumas praças e espaços públicos foram reabilitadas. Além da requalificação do espaço público, a Câmara Municipal de Lisboa desenvolveu um Plano de Desenvolvimento Comunitário (o chamado PDCM) com um conjunto alargado de parceiros e instituições locais para, nas palavras do seu responsável “melhorar as condições de vida dos seus habitantes e comunidades”<sup>3</sup>. Este programa traduziu-se numa série de iniciativas orientadas para o combate à exclusão social e à pobreza, ao desenvolvimento da economia local, à promoção do fado como senha de identidade do bairro, e outra série de actividades dirigidas a atrair visitantes ao bairro.

Este artigo explora o impacto deste programa de requalificação urbana no ambiente sonoro da Mouraria. Tomo emprestado o conceito de “ambiente urbano” dos trabalhos desenvolvidos pelo *Centre de Recherche sur l’Espace Sonore et l’Environnement Urbain* (CRESSON) da Universidade de Grenoble (Thibaud, 2011a). Segundo Jean Paul Thibaud, o ambiente urbano pode ser definido como “espaço-tempo qualificado desde um ponto de vista sensorial” (Thibaud, 2011b). O conceito

1 Palavras de Antonio Costa, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, durante a apresentação pública do Plano de Acção QREN-Mouraria “As cidades dentro das Cidades” (Largo do Intendente, Lisboa. 3 de Setembro de 2011).

2 <http://www.theguardian.com/social-enterprise-network/2013/aug/05/social-enterprises-aid-economic-regeneration>, acessado 10 de Novembro de 2013.

3 <http://www.aimouraria.cm-lisboa.pt/pdcm.html>, acessado 20 de outubro de 2014.

remete tanto à percepção sensorial (*sensing*) quanto ao *feeling* dum lugar. Cada ambiente envolve à experiência das pessoas que o praticam assim como o entorno edificado. Em outras palavras, um ambiente “envolve um estado de ânimo (*mood*) que expressa-se na presença material das coisas e que incorpora-se na forma de ser dos moradores da cidade (Thibaud, 2011b). Para Sharon Zukin (2010) o carácter próprio dos bairros na cidade contemporânea descansa numa combinação específica de processos demográficos, sociais e culturais, os quais seriam os responsáveis, em última instância, do “carácter distintivo” das ruas e dos espaços urbanos (Zukin, 2010, 10). A socióloga norte-americana assinala o cheiro, os sons, os rostos e as vozes dos moradores e dos usuários dos espaços urbanos da cidade como a elementos que conferem “tangibilidade” a esta diversidade urbana.

As páginas que se seguem centram-se justamente na importância da dimensão sonora do espaço urbano no processo de (re)definição da identidade urbana dum bairro como a Mouraria. Esta contribuição apresenta alguns dos novos territórios sonoros e sonoridades mutantes deste bairro em transformação, compreendendo o som como meio para “explorar aqueles elementos mais efémeros e mutáveis do urbanismo” (Atkinson, 2007, 1905), nomeadamente aquelas qualidades do ambiente – como, por exemplo, sua dimensão sonora – que conferem aos lugares urbanos o seu carácter único e distintivo (Degen, 2008). Neste sentido, a recente requalificação urbana e a reinvenção cultural da Mouraria implicou mudanças significativas nas qualidades sensíveis do bairro. A reabilitação dos seus espaços urbanos remodelou o ambiente sonoro. Além disso, o som e a música foram usados de forma ativa como catalisadores da própria transformação urbana do bairro. Sons novos, como o rodar constante das malas dos turistas pelas ruas estreitas, passaram a fazer parte das paisagens sonoras quotidianas da Mouraria. Entretanto, outras marcas sonoras distintivas têm mudado ou desaparecido como resultado do processo de revitalização em curso. Se algumas destas mudanças no ambiente sonoro são comuns a outros programas de renovação urbana, como a redução do ruído do tráfico, os incómodos

ocasionados por bares e restaurantes, outras intervenções na sonoridade do lugar são específicas a este estudo de caso. Assim acontece com os três exemplos etnográficos que apresento em seguida. Cada um destes casos oferece uma aproximação às mudanças no ambiente sonoro de três espaços urbanos icónicos da Mouraria: o Largo da Severa, a Praça do Martim Moniz e o Largo do Intendente. Em conjunto, estes três exemplos oferecem diferentes pontos de escuta à nova territorialização acústica de um bairro em transformação. Ao mesmo tempo, e em termos mais gerais, estes três estudos de caso invitam a refletir sobre a forma em que a reorganização sensorial dos espaços urbanos exclui ou inclui expressões e práticas culturais concretas do espaço público urbano.

O primeiro estudo de caso examina o uso do fado como um agente relevante na transformação da Mouraria, sobretudo no que se refere à abertura do bairro para o exterior. Após décadas de ausência, o fado voltou a ressoar nas ruas que a mitologia deste género musical considera ser o seu “berço”, reconfigurando a experiência e a percepção sensorial do bairro tanto para os seus moradores, quanto para os visitantes. O segundo exemplo descreve a transformação do ambiente sonoro nebuloso e confuso de uma praça, a Praça do Martim Moniz, num enclave acústico controlado, onde uma cuidada selecção musical estrutura e regula os tempos e os usos deste espaço público, agora privatizado. Por último, examino a controvérsia em torno de um conjunto de bares tradicionais localizados numa zona caracterizada pelo tráfico de drogas e a prática da prostituição, que estão no centro das atenções da Câmara Municipal de Lisboa pela sua associação com comportamentos “marginais”, “não cívicos” e “barulhentos”.

Este capítulo tem como base o trabalho de campo etnográfico levado a cabo na Mouraria desde finais de 2011, trabalho que incluiu observação participante, conversas informais, entrevistas e participação na vida quotidiana do bairro. Além do mais, realizei observação participante em reuniões oficiais e outros eventos institucionais. A investigação incluiu também a consulta de blogues, *redes sociais online* e jornais.

## A reparação do fado no espaço público da mouraria

Um grupo compacto e heterog neo de pessoas avança pela estreita Rua do Capelão em direc o ao Largo da Severa. Para a maioria delas, esta   a sua primeira visita   Mouraria. Assim, por exemplo, a D. Ana, nascida em Lisboa há mais de sete décadas e que nunca antes pisou estas ruas, mostra-se surpreendida pelo pitoresco do bairro. No grupo também há turistas estrangeiros, alguns casais jovens com filhos e outros lisboetas que aproveitaram esta agradável tarde de verão para descobrir "o bairro mais surpreendente de Lisboa", tal e como da revista *Time Out* caracterizou a Mouraria numa das suas capas mais recentes<sup>4</sup>. O grupo para em frente   porta da tasca do senhor Ant nio, também conhecida como Os Amigos da Severa. O guia de uma associa o local explica aos participantes na visita a importância desta rua e o seu significado na história e no imaginário do fado. Segundo o seu relato, foi aqui, no labirinto de ruelas e becos da Mouraria, nas suas tabernas e bord is, entre prostitutas, aristocratas e rufias, que apareceu o fado em meados do século XIX. De facto, no início da Rua do Capelão, uma escultura adverte o visitante que está a entrar no "berço" deste g nero musical, patrim nio imaterial da humanidade da UNESCO desde finais de 2011.

A voz met lica produzida pelo megafone – um som incomum que d  conta da recente incorpora o da Mouraria nas rotas tursticas da cidade – atravessa o burburinho constante do público, mais concentrado em tirar fotografias dos arredores do que em escutar as explica es do guia. Amplificado pela configura o espacial do lugar, este baixo contínuo de sons indeterminados rompe a tranquilidade da rua onde, segundo se diz, viveu a legendária fadista Maria Severa. Nunca antes a presença de visitantes foi tão visível e audível nas ruas da Mouraria.

Entretanto, um grupo de vizinhos reúne-se ao redor dos bancos do Largo da Severa, uma praça pequena localizada no final

<sup>4</sup> *Time Out*, n  251 (18-24 de Julho de 2012).

da Rua do Capelão. Em dias como este a praça converte-se num centro de intensa actividade social. Um grupo de vizinhos assiste religiosamente às actua es de fado ao ar livre organizadas pelo Museu do Fado e uma associa o local nos fins-de-semana de verão desde 2012. Estas atua es são parte das Visitas Cantadas   Mouraria, uma série de visitas tursticas gratuitas desenhadas para atrair visitantes e turistas ao bairro, combinando uma passeio a p  com actua es de fado em certos espaços públicos do bairro, como o Largo da Severa.



Fotografia 1: Visitas cantadas na Mouraria.  
Largo da Severa  
(I igo Sánchez Fuarros, 1/9/2012)

Enquanto os visitantes v em estas visitas guiadas como uma oportunidade para "descobrir" esta parte esquecida da cidade e escutar o fado no seu meio "natural", para os vizinhos estes momentos de fado abrem novos espaços de "sociabilidade mediada pela música" (*music sociality*) (Holt e Wergin, 2013) onde as intera es entre forasteiros e residentes são negociadas.

  medida que o ruidoso grupo de participantes na visita cantada se aproxima do Largo da Severa, uma vizinha exclama: "a  chegam os turistas!", e pouco depois o largo   ocupado por um tumulto de gente, a maioria lisboetas que visitam a Mouraria pela primeira vez, mas também turistas e aficionados ao fado. Os músicos e fadistas ocupam o seu lugar em frente   Casa da Severa.

A *mise-en-sc ne*   sóbria. Apenas umas cadeiras dobráveis e uma mesa redonda de plástico com uma toalha de mesa vermelha. Uma tela negra cobre a cerca met lica que protege as obras de remodela o da antiga

Casa da Severa. O público rapidamente forma um semicírculo em torno dos músicos. Alguns vizinhos seguem a acção desde as janelas dos seus apartamentos. Assim que o fadista começa a cantar irrompe uma discussão entre uma vizinha que estava sentada num dos bancos e outra mulher que lhe tapava a vista dos músicos. Outros participantes pedem silêncio e a discussão desvanece-se por baixo do tom grave de um fado que canta a desaparecida Mouraria.

[Exemplo 1: [Chegada dum grupo de participantes nas Visitas cantadas ao Largo da Severa](#)]

A música não está amplificada. O Largo da Severa é uma praça de pequenas dimensões, rodeada de edifícios de três a cinco andares que funcionam como uma caixa de ressonância natural. As ruas pedonais, a ausência de tráfego e a aura de «autenticidade» que emanam os edifícios envelhecidos reforçam a sensação de tempo parado. A ausência de amplificação reforça a percepção de imediatismo e a sensação do real da música. As actuações são dominadas pelo silêncio que normalmente acompanha as *performances* de fado. Contudo, este silêncio ritual é interrompido com frequência por todo o tipo de sons mundanos que fazem parte do meio sonoro da praça: sons que procedem do interior das casas, pássaros cantando ou as interjeições de um conhecido idoso embriagado. Também quando os fadistas fazem alguma referência à Mouraria, os vizinhos explodem de alegria, encarnando um sonoro sentimento de pertença e de comunidade através de exclamações como “Ié, ié, ié. Mouraria é que é !” ou “A Mouraria é linda !”. A música, deste modo, aparece incorporada na textura sonora do lugar da mesma maneira que os sons da vida quotidiana fazem parte integral da música.

Embora a Mouraria seja um bairro rico em histórias e memórias associadas ao seu passado lendário como bairro *fadista* (Viera Neri, 2010 ; Colvin, 2009 ; Elliot, 2010), quase não existiam vestígios sonoros ou materiais daquele período antes da intervenção da CML, além de algumas placas que assinalam as casas de alguns fadistas célebres que nasceram ou viveram no bairro, as matinés de fado ocasionais no Grupo Desportivo da Mouraria, ou o permanente som amplificado

de *Rádio Amália* na tasca do senhor António. Concluída a intervenção camarária no bairro, o panorama é bem diferente. O *status* do fado como “uma marca identitária incontornável no bairro da Mouraria” fez desta sonoridade e das práticas sociais e culturais associadas o agente fundamental do processo de regeneração urbana. A inauguração em maio de 2013 de uma exposição permanente de fotografias de fadistas nas paredes de algumas ruas do bairro é reveladora dos esforços para criar uma nova imagem urbana da Mouraria como bairro fadista que seja facilmente reconhecível, exportável e consumível tanto para dentro como para fora do bairro. Mas esta não foi a única iniciativa no sentido de promover a Mouraria a partir da sua identificação com o fado. No verão desse mesmo ano abriu a primeira casa de fados no local onde se diz que viveu Maria Severa ; as sessões de fados multiplicaram-se nestes últimos anos pelas tascas, restaurantes e espaços públicos; criou-se uma escola de fado gerida pelo Grupo Desportivo da Mouraria, e, por último, o fado esteve presente nos momentos marcantes deste processo de intervenção urbana, como a visita do Presidente da República ao bairro.

A multiplicação nos últimos anos de sons, imagens e símbolos que tentam fixar o carácter fadista do bairro pode converter a Mouraria noutro parque temático mais para o consumo turístico, tal como já aconteceu com o bairro de Alfama. De facto, um dos efeitos da revitalização orientada para o turismo da Mouraria, a crescente tematização do espaço sonoro, está no centro da intervenção noutros espaços públicos do bairro, a Praça do Martim Moniz, tal como veremos na seguinte secção.

### Sintonizar o multicultural : a praça do Martim Moniz

Edificada em 1997, a Praça do Martim Moniz é um espaço aberto que ocupa o vazio deixado pela demolição da baixa Mouraria entre as décadas de 1930 e 1960. Uma ilha no meio da agitação que caracteriza esta parte da cidade, a praça do Martim Moniz constitui um hiato que liga a Mouraria ao centro da cidade, servindo de ponto de entrada no bairro para

aqueles que procedem da Baixa lisboeta e lugar de encontro para alguns dos colectivos de origem imigrante que trabalham ou moram nas zonas circundantes. Este enclave é dominado pela presença imponente do Hotel Mundial, construído na década de 1950. Num dos lados da praça encontramos o Centro Comercial Mouraria, cuja presença esconde a igreja de Nossa Senhora da Saúde, o único sobrevivente das demolições da baixa Mouraria. No outro lado, destaca-se um conjunto de edifícios de apartamentos à venda com o sugestivo *slogan* de «tenha uma casa com vista para o fado». A vista prometida não poderia ser mais pitoresca: a decadente e amontoada arquitetura da velha Mouraria estendendo-se por uma das ladeiras da colina do castelo de São Jorge.

A praça está rodeada de tráfego intenso, sendo apenas acessível através de várias faixas para pedestre distribuídas em cada um dos seus lados. O perímetro desta praça dura encontra-se perfilado por áreas verdes e a água constitui um elemento central do desenho: fontes interactivas atravessam a praça, coroada por uma grande fonte com forma de estrela no extremo norte da mesma. Ao sul, uma recriação da *cerca moura* e outros elementos decorativos (até faz pouco tempo a principal atração para os turistas e os visitantes) prestam homenagem à lenda de Martim Moniz.

Hoje, no entanto, o atractivo da Praça do Martim Moniz reside num mercado multicultural ao ar livre que ocupa o centro da praça e onde é possível degustar comida de diferentes partes do mundo. No contexto da requalificação da Mouraria, a CML outorgou a concessão para operar os dez quiosques pré-existentes na praça e instalar um mercado de fim de semana à NCS, uma empresa privada relacionada com outros processos bem sucedidos de revitalização urbana como LxFactory ou Cais do Sodré. Assim, o Mercado de Fusão foi inaugurado em Junho de 2012, com os meios de comunicação desempenhando um papel relevante na promoção da iniciativa e da nova imagem que se pretendia dar à praça.

A instalação do Mercado de Fusão trouxe mudanças importantes na morfologia da praça orientando-a para a sua nova função como “espaço temático”. Os dez quiosques foram

adaptados para acolher postos de comida de diferentes latitudes: desde sushi japonês a comida macrobiótica, passando por *ceviche* peruano, cachupa cabo-verdiana ou pizza italiana. Duas filas de tendas brancas foram colocadas no centro da praça para criar uma esplanada central coberta com capacidade para ca. 300 pessoas. Estas tendas acolhem também o mercado de fim de semana e a outras atividades que ali se celebram. Uma cabine de DJ permanente domina a zona central da praça onde estão instaladas redes e zonas de *chill-out*. Bandeiras coloridas, vasos com bambo, estruturas móveis pintadas com grafites por encomenda, instalações de arte urbana ou exposições de fotografia de viagens exóticas, são alguns dos elementos que fazem parte da decoração do local. A figura de um dragão confeccionado com materiais reciclados estende-se ao longo da praça, renomeada desde então como “the Dragon’s Square”. Várias câmaras de videovigilância vigiam o perímetro.

Mas a instalação do Mercado de Fusão na praça de Martim Moniz alterou também a paisagem sensorial deste espaço público urbano. Além de proporcionar um enquadramento para diferentes experiências de “turismo culinário” (Molz, 2007), o Mercado de Fusão acolhe uma programação regular de eventos e atividades culturais dirigidas a um público jovem, urbano e cosmopolita, incluindo aos turistas que frequentam a zona. A música desempenha um papel preponderante na produção desta atmosfera cosmopolita. Há sessões de DJs de quinta a domingo e aos sábados a programação do mercado inclui concertos, apresentação de bandas e performances.

[Exemplo 2 : [Paisagem sonora da Praça do Martim Moniz \(1/09/2012\)](#)].

A sonoridade que a gestão do mercado de fusão tenta imprimir na praça aparece claramente identificada num anúncio de procura de Djs que aparece de forma regular na página oficial de *Facebook*:

*“Estamos novamente à procura dj’s com sonoridades Soul, Funky, Reggae, World Music, Jazz, Fusion e que pretendam dar a conhecer o seu trabalho no espaço do Mercado de Fusão ( )”*

A presença de música na praça não se limita, no entanto, a estes eventos especiais. Durante o horário de abertura dos negócios ali instalados, entre as onze da manhã e às dez da noite, um fluxo contínuo de sons globalizados irradiam de um par de alto-falantes localizados de ambos lados da cabine do DJ5.

Esta corrente tranquilizadora de música conjuga um conjunto de sons exóticos procedentes de diversas localidades -música lusófona, fado, música eletrónica, *world beats*, música latina ou tango, entre outras - que facilmente poderia ser categorizada sob a categoria comercial da "world music". A música que se escuta através da aparelhagem de som do *Mercado de Fusão* não está pensada para a escuta atenta; funciona antes como música de fundo para as atividades que se realizam na praça, tais como comer, beber ou passar tempo. Estes sons, simultaneamente exóticos e acessíveis, dotam o mercado de fusão de uma identidade sonora distintiva, construindo este local como um espaço comercial. Jonathan Sterne (1997) chamou a atenção para a centralidade da música como um fator ambiental nos espaços comerciais e para o seu papel na organização e produção do espaço. Neste sentido, o ambiente musical do *Mercado de Fusão* resulta como uma forma de "turismo aural" (Cosgrove in Connell, Gibson, 2003, 155), isto é, como um dos elementos que enaltece uma experiência particular de consumir o «outro» em que a world music constitui um "nenhures omnipresente" (Earlman, 1996, 475). Assim, a banda sonora do *Mercado de Fusão* em pouco difere do uso da música programada nos shoppings descrito por Sterne.

O *Mercado de Fusão* apropria-se da diversidade étnica e cultural preexistente na zona para tecer um discurso que, por um lado, celebra essa diversidade e, por outro, serve para legitimar o próprio projeto. O empreendedor e mentor do *Mercado de Fusão* José Rebelo Pinto resume os objetivos deste projeto da seguinte forma :

*"O objetivo é revitalizar aquela zona, encaixando com ou que já existe na zona*

5 O Mercado de Fusão abre de segunda a domingo das 11:00h as 22:00h. Os fins de semana a hora de fechamento estende-se até a meia-noite.

*envolvente. Queremos trazer sangue novo à praça. Queremos criar uma nova cidade dentro da cidade*<sup>6</sup>.

Oferecendo um meio agradável, reduzindo o risco de encontros «desagradáveis» e recriando as interações multi-étnicas como ideais civilizados, o *Mercado de Fusão* emerge como um «enclave» (Haje e Reijndorp 2001) ou, por outras palavras, como uma ilha artificial de calma inserida numa zona marcada por práticas de exclusão social e desigualdades sistémicas.

Do mesmo modo que os sons globalizados que animam o mercado minimizam as dissonâncias e mascaram outras nuances sonoras, poder-se-ia argumentar que o discurso multicultural bem intencionado abraçado pelo *Mercado de Fusão* oculta um processo de apropriação do capital simbólico da Mouraria como bairro multi-étnico. Mais ainda, insere-se numa longa história de tentativas de controle deste espaço público sancionando alguns comportamentos como publicamente ofensivos, muitos dos quais associados aos diferentes grupos de imigrantes que fizeram um uso intensivo da praça desde a sua construção.

O *Mercado de Fusão* não surgiu no vazio. A Mouraria é, de facto, o resultado de diferentes ondas migratórias. Desde a década de 1970 diversos grupos étnicos instalaram-se nesta zona (Malheiro, Carvalho e Mendes, 2012). Estes fluxos migratórios incrementaram-se e diversificaram-se a partir dos anos 90 com a chegada de pessoas procedentes de Bangladesh, Paquistão, China e outros países fora da zona dos PALOP. Hoje em dia, de acordo com o censo de 2011, a população de origem imigrante representa um terço do total da população residente no bairro. Ao longo destas décadas, tanto os migrantes integrados como os recém chegados se apropriaram dos espaços urbanos do bairro nos seus próprios termos, inscrevendo a sua cultura e hábitos no território que habitam. Evidência disso é, por exemplo, o desenvolvimento de um vibrante tecido comercial de revenda dirigido por empresários de diversas nacionalidades e cujo epicentro se encontra nos dois centros

6 [http://fugas.publico.pt/Noticias/306147\\_martim-moniz-e-uma-praca-do-mundo-e-um-mercado-de-fusao](http://fugas.publico.pt/Noticias/306147_martim-moniz-e-uma-praca-do-mundo-e-um-mercado-de-fusao), acessado 10 de Outubro de 2013.

comerciais que ladeiam a Praça de Martim Moniz, ou os pequenos negócios étnicos que florescem pelo bairro (Gésero, 2012; Menezes, 2004, 91-104).

De facto, a Praça de Martim Moniz, enquanto “lugar praticado”, é em si mesmo o resultado deste tipo de apropriações. Menezes (2009) chama a atenção para como pouco tempo depois da sua inauguração em 1997 o extremo norte da praça se transformou num local de reunião de diferentes grupos de imigrantes de origem africana e sul-asiática. Antes da construção da praça, estes mesmos grupos, compostos principalmente por homens, reuniam-se habitualmente nas ruas adjacentes da Mouraria. A presença destes grupos na praça e o número a cada vez maior de sem-abrigo e toxicod dependentes dissuadiram os vizinhos do bairro de usar a praça, rapidamente *racializada* como o “espaço dos outros” (Menezes, 2004, 310). Com a finalidade de reverter esta situação, a CML instalou em 1998 quarenta e quatro quiosques de aço inoxidável que acolheriam um mercado especializado de antiguidades, artesanato e produtos regionais. A experiência fracassou e a praça convertia-se num paraíso para todo o tipo de atividades informais e ilegais que implicavam, entre outros, grupos de chineses, africanos e sul-asiáticos (Reginensi, Menezes, 2011). Nesse momento a praça começou a ser percebida como um local “perigoso”. Depois de uma segunda tentativa de revitalizar a zona cedendo os quiosques a empresários chineses, a CML retirou a maior parte deles no final do ano 2000. A retirada dos quiosques abriu o espaço e, de acordo com Menezes, (2004, 182-185), intensificou o uso e as apropriações do mesmo, não só por parte daqueles que já estavam ali, como também pelos clientes dos centros comerciais circundantes e por alguns turistas<sup>7</sup>. Os principais locais de sociabilidade eram três quiosques que serviam bebidas e comidas. Um deles era dirigido por chineses, o outro por cabo-verdianos (*Criola do Martim Moniz*) e o terceiro por imigrantes ucranianos (*A Fava Rica*). Cada um destes quiosques tinha a sua própria clientela e o seu próprio

7 Menezes sublinha também a conexão da praça com protesto de carácter político, sendo esta palco habitual de manifestações pelos direitos dos imigrantes e ponto de início tradicional de uma das manifestações do primeiro de Maio em Lisboa (2004, 316-319).

estilo Enquanto o *Fava Rica* beneficiava da sua proximidade com o Hotel Mundial, e contava com alguns turistas entre a sua clientela, a *Criola do Martim Moniz* atendia principalmente uma clientela composta por africanos. Por sua vez, o quiosque chinês contava com uma clientela mais diversa. A música tinha um papel importante na produção da atmosfera da cada local. O caso mais emblemático neste sentido era o da *Criola*, cujos clientes se reuniam a beber e a escutar música angolana e cabo-verdiana até de madrugada.

Estes três quiosques étnicos fecharam no inverno de 2001, poucos meses dantes da Praça do Martim Moniz ter sido fechada ao público para reabilitação. As diversas paisagens sonoras produzidas por estes três estabelecimentos foram substituídas pelo fluxo contínuo de sons exóticos descontextualizados do *Mercado de Fusão*. Da mesma maneira, a diversidade étnica e cultural pré-existente na praça, a complexidade das interações interétnicas, e as apropriações insolentes do espaço público dissolveram-se no consumo privado da diversidade multi-cultural em permanente exibição<sup>8</sup>.

### Largo do Intendente : entre a mudança e a resiliência

---

As atuações musicais e sessões de DJ que acontecem regularmente na renovada Praça do Martim Moniz não só contribuíram para a transformação deste espaço público num mercado multicultural, como tiveram um papel relevante no processo de introdução do *Mercado de Fusão* e da Mouraria nas rotas de lazer da cidade de Lisboa. Ocasionalmente alguns destes músicos e DJs atuam também em alguns dos novos bares e locais que abriram as suas portas no bairro nos últimos anos. Um dos efeitos da revitalização da Mouraria foi precisamente o aparecimento de novos negócios vinculados ao setor de serviços e à noite (restaurantes, bares, etc.). Não obstante, a Mouraria como um destino de lazer noturno não é algo novo. O bairro ocupou um lugar destacado na geografia

8 Para uma crítica da intervenção na praça na lógica da privatização do espaço público, ver Guterres 2012

da boémia lisboeta no final do século XIX e princípios do século XX, associado às paisagens do fado, da malandragem e do perigo (Menezes, 2004, 43-46 ; Machado Pais, 1983). Em 2013, no entanto, a Mouraria oferece aos visitantes noturnos o atrativo de risco “controlado” : uma próspera economia do lazer noturno que inclui restaurantes chineses clandestinos, novos cafés, bares abertos até de madrugada, restaurantes temáticos, ou salas de concerto. Negócios todos eles frequentados por um grupo eclético de estudantes Erasmus, jovens urbanos, gentrificadores, turistas e novos vizinhos.

O “epicentro” da noite nesta nova Mouraria encontra-se no primeiro andar de um antigo palacete localizado no Largo do Intendente. A *Casa Independente* abriu as suas portas em Outubro de 2012. Este local funciona como café, sala de concertos, *nightclub* e espaço para atividades culturais “ao espírito dos grémios, às associações e a outras formas de participação cívica, a partir de um diálogo contemporâneo e cosmopolita com vos estilos de vida, a música e as artes visuais”<sup>9</sup>. Esta filosofia traduz-se num local *chic* de ar *hipster*, decorado ao estilo retro, onde servem “honest and home-made food” e se escuta música independente. Principal motor da elitização da noite no Intendente, a *Casa Independente* tem-se convertido desde a sua abertura num local para o consumo de certas formas culturais “cool”, atraindo um público maioritariamente jovem, vinculado às profissões criativas, que não correspondem ao tipo de utente que habitualmente frequenta ou frequentava esta zona pela noite.

Descrito como “um ponto negro, caracterizado pela prostituição, a insegurança, o tráfico e consumo de droga e um parque habitacional deteriorado”<sup>10</sup>, o Largo do Intendente e as ruas de Benfornoso e dos Anjos são de facto conhecidas como

lugares mal-afamados<sup>11</sup>. Trata-se de uma zona tradicional de prostituição (Gomes Alfonso, 1984), que absorveu no final dos anos 90 os toxicod dependentes que foram deslocados depois da demolição do Casal Ventoso. Por outro lado, a perda gradual de população, o encerramento de muitos negócios tradicionais, ou a sujidade e degradação do espaço público contribuíram a uma percepção acentuada de decadência e insegurança. Alguns vizinhos e comerciantes chegaram a pedir às autoridades locais a mudança de nome do Largo do Intendente “para afastar ‘má fama’ da droga”<sup>12</sup>.

A remodelação da praça, contemplada no plano de atuação QREN-Mouraria, transformou este espaço público de forma radical. O objetivo era criar “um ambiente tranquilo, seguro e diurno”<sup>13</sup> no Largo do Intendente. O antigo estacionamento é agora uma praça aberta com pouco carácter, nova iluminação e bancos debetão. Além do gabinete do presidente da CML e a Casa Independente, encontramos uma antiga pensão transformada num hotel com um programa de residências artísticas, uma loja de bicicletas urbanas, ou um café que anuncia o seu menu do dia na sua página de *Facebook*. Uma instalação da célebre artista portuguesa Joana Vasconcelos ocupa o centro da praça. Recentemente, *A Vida Portuguesa*, uma loja que comercializa produtos vintage portugueses, abriu a sua loja no que dantes foi a fábrica de azulejos Viúva Lamego. Do outro lado da praça está planeada a construção de uma residência para estudantes Erasmus como parte de uma estratégia de inundar a zona com estudantes universitários.

[Exemplo 3 : [Paisagem sonora noturno no Largo do Intendente \(11/4/2014\)](#)]

9 <https://www.facebook.com/CasaIndependente>, acessado 20 de Outubro de 2013.

10 <http://www.publico.pt/Local/mudanca-do-gabinete-de-antonio-costa-para-ou-intendente-adiada-por-alguns-dias-1487500>, acessado 4 de Outubro de 2013.

11 Um interessante trabalho sobre as mudanças recentes nesta zona desde a perspectiva da antropologia visual pode encontrar-se em Veiga Gomes (2011).

12 [http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_vão=1467446&seccao=Sul](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_vão=1467446&seccao=Sul), acessado 4 de Novembro de 2013.

13 <http://fugas.publico.pt/Noticias/307495-revolucao-do-intendente-passa-pela-musica-e-artistas-esplanadas-e-turistas>, acessado, 4 de Novembro de 2013.

“A revolução do Intendente passa pela música e artistas, esplanadas e turistas” foi o título da notícia que anunciava a inauguração do novo Largo do Intendente em Junho de 2012<sup>14</sup>. Sob o lema “renasce um largo para a cidade”, a nova vida da praça celebrou-se com um festival de verão que incluiu concertos, teatro, ópera, exposições, performances e outras atividades ao ar livre<sup>15</sup>.

No entanto, tanto o Largo do Intendente como as ruas ao seu redor estavam “vivas” antes da decisão de revitalização da CML, embora nem a população nem as atividades que ali se desenvolviam fossem do agrado da CML ou dos moradores. Como já mencionei anteriormente, a zona era (ainda o é) um contentor de atividades marginais como a prostituição de rua, o tráfico e consumo de drogas ou a pequena delinquência, que coexistiam com uma vida de bairro em decadência. Central para o dinamismo da zona era um conjunto de bares localizados na Rua do Benfornoso e na Rua dos Anjos, conhecidos como os “bares de alterne” ou os “bares do Intendente”. Estes estabelecimentos eram frequentados pelas populações presentes na zona: vizinhos, prostitutas, clientes, chulos, etc. A decoração atemporal e a música ambiente destes espaços, revelam a capacidade de resiliência destes negócios, alguns dos quais operam desde há três décadas, adaptando-se às mudanças que a zona experimentou ao longo deste tempo, incluindo o *boom* do consumo de heroína no final da década de 1990. A associação destes bares à prática da prostituição e a atividades relacionadas com o negócio da droga converteram-nos, em bode expiatório da revitalização urbana da zona e em alvo da luta pela proibição de comportamentos pouco decorosos no espaço

14 <http://fugas.publico.pt/Noticias/307495-revolucao-do-intendente-passa-pela-musica-e-artistas-esplanadas-e-turistas?pagina=2>, acessado 10 de Outubro de 2013.

15 O festival incluiu vários concertos de bandas e músicos de primer nível, como a banda de rock Xutos e Pontapés, o rapper Boss AC, ou os fadistas Camané e Ricardo Ribero. Também teve espaço para a ópera e a música sinfónica, bem como para o jazz. Embora os concertos e o resto de atividades atraíram um grande número de público ao Intendente, o impacto destes eventos a nível local foi escasso. Como o dono de um dos bares da Rua de Benfornoso comentou de maneira informal, «com estes eventos nós não ganhamos nada. Eles [a câmara municipal] são os que ganham» (Notas de campo, 23/07/2012).

público. No enquadramento do PDCM foram apresentadas diferentes iniciativas para intervir na zona que finalmente não foram aprovadas.

A poucas semanas da conclusão das obras do Largo do Intendente, os donos destes bares receberam uma notificação da câmara municipal onde se restringia o horário de abertura dos estabelecimentos. Esta medida tinha como motor uma queixa de um grupo de vizinhos não identificado que “vieram a solicitar a tomada de medidas com vista a limitação da produção de ruído e de incômodos na Rua dos Anjos, solicitando designadamente a redução do horário de funcionamento dos estabelecimentos”<sup>16</sup>. A notificação, com data do 10 de julho, justifica a medida destacando que “os efeitos nefastos na qualidade de vida desta zona poem em causa o esforço de revitalização desta zona da cidade”. O documento oficial conclui que os “estigmas de degradação urbana e social são limitadores do potencial da Mouraria/Intendente para atrair novos investidores, visitantes e habitantes”, estabelecendo uma conexão direta entre a degradação da zona e “os bares de alterne”.

A resposta dos donos dos bares não se fez esperar. Após uma tensa reunião com representantes do GABIP-Mouraria decidiram colocar nas mãos de um advogado a decisão da CML de limitar o horário de abertura dos bares<sup>17</sup>. Nessa mesma reunião, o representante do GABIP, informou-os que as possibilidades de que a denúncia fosse bem-sucedida eram mínimas e convidou-os a “aproveitar o carro das mudanças” e não resistir. Por sua vez os donos dos bares argumentaram que o problema do ruído não tinha que ver com os bares mas com as populações que frequentam o Largo do Intendente. Apesar da reabilitação da zona e da presença de patrulhas da polícia, prostitutas, traficantes, toxicodependentes e homens ociosos apoiados nos cantos das ruas continuam a ser parte da paisagem humana a qualquer hora do dia. Os descatos continuam a acontecer e a sensação de insegurança e de degradação humana persistem.

16 Notificação da Câmara Municipal de Lisboa dirigida aos donos dos bares com a nova regulamentação dos horários de abertura e fechamento dos estabelecimentos.

17 A reunião celebrou-se no Sport Clube Intendente o 23 de julho de 2012. A análise está baseada nas notas de campo daquele dia.

Se tanto a CML como alguns dos novos negócios recorreram a atividades em torno da música para capitalizar a renovação do Largo do Intendente e atrair novos públicos para zona, a música foi também instrumental em diversas iniciativas de dentro para adaptar os bares pré-existentes ao novo cenário<sup>18</sup>. Estas iniciativas partiram de um grupo informal composto pelos próprios donos dos bares, vizinhos, clientes e simpatizantes<sup>19</sup>. A primeira ação foi um dia de portas abertas para criar consciência da existência desta zona como um local alternativo de lazer noturno. O *Dia(i)* consistiu em vários eventos celebrados ao longo de todo o dia nos nove bares das Rua dos Anjos e da Rua do Benfornoso<sup>20</sup>. As ruas foram decoradas para a ocasião com roupas penduradas de um extremo ao outro da calçada. Na Rua dos Anjos, a parede de um edifício em ruínas foi pintada com *graffitis* e uma banda desfilou de bar em bar ao começo da noite. Houve danças de Bollywood pela tarde e um workshop de desenho erótico pela noite. Contudo, o prato forte do *Dia(i)* foi a programação musical, que consistiu em sessões de DJ nos diversos bares, desde música africana a música dos anos 70, passando por música dos filmes de Almodovar, *groove* ou *hits* atuais.

Este uso da música para criar e promover uma imagem positiva dos bares e da zona teve resultados evidentes dias antes da celebração do *Dia(i)*. A página de Facebook criada para promover o evento foi-se enchendo de ligações a vídeos musicais no Youtube que ofereciam um adiantamento do ambiente musical daquele dia<sup>21</sup>. A eclética seleção desde incluía música samba e funk, artistas como Madonna ou Letta Mbulufunk, grupos como Abba, à música de Madagascar,

18 Em diferentes momentos os donos dos bares mostraram-se receptivos a realizar pequenas mudanças nos seus estabelecimentos com o objetivo de atrair clientes menos problemáticos. Para alguns destes bares a falta de clientes estava a levar os negócios a uma situação de falência

19 O grupo chamou-se "Grupo informal de bares e amigos do Intendente"

20 The *Dia(i)* celebrou-se no 11 de Maio de 2013. Os bares que participaram no evento foram o Cantinho do Benfornoso, o Tominho, o Sarriá, o Bar Palma, os Anjos Bar, o New Times, o bar Ferro Velho, o Trinitá e o Securas.

21 [https://www.facebook.com/pages/Diai/500322180033560?ref=br\\_tf](https://www.facebook.com/pages/Diai/500322180033560?ref=br_tf), acessado 15 de Outubro de 2013.

Brasil o Senegal, entre outros. Esta seria a semente da Rádio(i), uma emissora de rádio on-line que começou a funcionar algumas semanas antes do evento<sup>22</sup>. Alguns meses depois e, seguindo a mesma lógica do *Dia(i)*, este mesmo grupo organizou um segundo evento mais ambicioso, as Noites(i), onde a programação especial nos bares de alterne do Intendente estender-se-iam ao longo de todo o mês de julho. Nesta ocasião, a iniciativa integrou-se no festival "Largos da Mouraria" promovido pela CML e que teve como palco diferentes praças do bairro, entre elas o Largo do Intendente.

De modo distinto da Praça do Martim Moniz ou do *cluster* do fado criado ao redor da casa da Severa, zonas que foram dotadas de uma identidade sonora identificável e vendável, a sonoridade da zona do Largo do Intendente ainda está por definir-se. A música, no entanto, desempenhou e desempenha um papel fundamental na revitalização desta parte da Mouraria. Para aqueles agentes implicados na transformação do local a música é um ingrediente ativo no momento de contornar a má reputação da zona e também de importar novos estilos de vida e padrões de consumo. No entanto, para aquelas pessoas que já ali estavam, como os donos e trabalhadores destes bairros, abraçar a mudança e estas novas sonoridades é uma questão de mera sobrevivência.

## Conclusões

A qualidade efémera do som faz com que o ambiente sonoro urbano seja particularmente sensível aos processos de mudança e, ao mesmo tempo, converte-o num espaço aberto à análise multidisciplinar. Na última década assistimos a um interesse crescente dentro do campo dos *sound studies* por pesquisar de que maneira os processos de transformação da cidade afetam e modificam a sonoridade da paisagem urbana. Este artigo representa assim uma tentativa por restaurar a centralidade da música na experiência sonora individual e coletiva nos debates atuais sobre a sonoridade mutante dos espaços públicos urbanos da cidade.

22 [http://mixlr.com/radio\\_i/](http://mixlr.com/radio_i/), acessado 6 de Novembro de 2013.

Que a música é um elemento central nos processos contemporâneos de transformação urbana, sendo parte integrante do ambiente sonoro de certas áreas da cidade, é algo evidente no caso da Mouraria. Por um lado, a música é central nos discursos que estão por trás da manufatura desta nova Mouraria como “mercadoria”. Por outro, a música produz esta mesma Mouraria renovada oferecendo uma banda sonora particular para a cada um dos seus espaços públicos.

“Ai Mouraria. Onde um dia, tudo mudou” (Carneiro, 2012, 8). Este título de uma notícia aparecida na revista da Câmara Municipal de Lisboa apresenta a requalificação da Mouraria como se se tratasse de um conto de fadas. Como na história de Cinderela, temos a impressão, ao ler notícias como esta, de que a intervenção autárquica no bairro foi como um toque de varinha mágica após o qual o sonho de uma regeneração civilizada com resultados homogêneos se tornou realidade. Contudo, longe de ser um processo homogêneo e unidirecional, a transformação da Mouraria é um processo complexo que mobilizou e mobiliza diferentes atores, agendas e interesses que não cantam com uma só voz. Uma aproximação etnográfica bem refinada que situa a música e a dimensão sonora do social no centro da análise resultou especialmente útil para desvelar a polifonia de vozes que participam na requalificação urbana da Mouraria.

Nos três estudos de caso descritos neste artigo, vemos como diferentes discursos musicais, que envolvem diferentes atores (associações locais, moradores, empreendedores, instituições, etc.), tradições (fado, *world music*, música independente) e discursos (a invenção da tradição, cosmopolitismo, resiliência, etc.) enchem os espaços públicos urbanos do bairro com certos sons musicais. Paradoxalmente e apesar das diferenças, a tematização musical dos três espaços analisados sugere aqui um processo de equalização em andamento que com o tempo acalmará as dissonâncias e a aspereza original do lugar.

## Referências

- Atkinson Rowland, 2007, “Ecology of Sound: The Sonic Order of Urban Space”, *Urban Studies*, 44(10), 1905-1917.
- Carneiro Luis Miguel, 2012, “Ai Mouraria. Onde um dia, tudo mudou,” *Lisboa. Revista Municipal*, 1, 8-9.
- Colvin Michael, 2008, *The Reconstruction of Lisbon: Severa’s Legacy and the Fado’s Rewriting of Urban History*. Lewisburg: Bucknell University Press
- Connell John e Chris Gibson, 2003, *Soundtracks. Popular Music, Identity and Place*, London: Routledge.
- Degen Monica, 2008, *Sensing cities: regenerating public life in Barcelona and Manchester*. London: Routledge
- Elliott Richard, 2010, *Fado and the Place of Longing: Loss, Memory and the City*. Aldershot: Ashgate Publishing
- Erlmann Veit, 1996, “The aesthetics of the global imagination: reflections on world music in the 1990s”, *Public Culture*, 8, 467–87.
- Gemann Molz Jennie, 2007, “Eating Diference. The Cosmopolitan Mobilities of Coulinary Tourism”, *Space and Culture*, 10, 77–93.
- Gésero Paula, 2012, “O Espaço é o Lugar: O Martim Moniz na Migrantscape de Lisboa”, *Sociologia. Numero temático*, 1, 159-180.
- Gomes Afonso Maria G., 1984, *Estudos de casos: prostituição e espaço social : o caso do Intendente*, Lisbon: UNL-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Guterres Antonio B., 2012, “Interações reflexivas sobre o novo plano Martim Moniz”, Buala <http://www.buala.org/pt/cidade/interacoes-reflexivas-sobre-o-novo-plano-martim-moniz>, accessed October 20, 2013.
- Hajer Maartin e Arnold Reijndorp, 2001, *In Search Of The New Public Domain*. Rotterdam: NAi Publishers.
- Holt Fabian e Carsten Wergin (eds), 2013, *Musical Performance and the Changing City: Post-Industrial Contexts in Europe and the United States*. New York: Routledge.

- Machado Pais José, 1983, "A prostituição na Lisboa boémia dos inícios do século XX," *Análise Social*, 19, 939-960.
- Malheiro Jorge, Rui Carvalho e Luis Mendes, 2012, "Etnicização residencial e nobilitação urbana marginal: processo de ajustamento ou prática emancipatória num bairro do centro histórico de Lisboa?" *Sociologia*, Numero temático 1, 93-124
- Menezes Marluzi, 2004, *Mouraria, Retalhos de um imaginário. Significados urbanos de um bairro de Lisboa*, Oeiras: Celta.
- , 2009, "Praça do Martim Moniz: Etnografando Lógicas Socioculturais de Inscrição da Praça no Mapa Social de Lisboa", *Horizontes Antropológicos*, 15, 301-328.
- Reginensi Catherine Odile et Marluci Menezes, 2011, "Pratiques, entre formel et informel, dans les espaces urbains: Lisbonne - Portugal et Rio de Janeiro - Brésil" <http://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00605013>, accessed October 10, 2013.
- Sterne, Jonathan, 1997, "Sounds Like the Mall of America: Programmed Music and the Architectonics of Commercial Space", *Ethnomusicology*, 4, 22–50.
- Thibaud Jean Paul, 2011a, "The sensory fabric of urban ambiances", *The Senses & Society*, 6(2): 203-215,
- , 2011b, "A Sonic Paradigm for Urban Studies" *Journal of Sonic Studies* 1(1) <http://journal.sonicstudies.org/vol01/nr01/a02> (Date of Access: 15/04/2012)
- Veiga Gomes Hélène, 2011, "Le visuel dans la ville : croisements et perspectives à partir do Largo do Intendente", *Proceedings of the Second International Conference of Young Urban Researchers*, <http://conferencias.cies.iscte.pt/index.php/icyurb/sicyurb/paper/viewFile/219/133>, accessed November 8, 2013.
- Viera Nery Rui, 2010, *Para una história do fado*, Lisboa: Público.
- Zukin Sharon, 2010, *Naked City: The Death and Life of Authentic Urban Places*. Oxford: Oxford University Press.